

SÁ DE SOUZA, N. T.; PADILHA, S. de J. O trabalho do profissional tradutor-intérprete de Libras/Português sob as lentes da teoria bakhtinianas. *Revista Falange Miúda (ReFaMi)*, v. 3, n. 1, jan.-jun., 2018.

O TRABALHO DO PROFISSIONAL TRADUTOR-INTÉRPRETE DE LIBRAS/PORTUGUÊS SOB AS LENTES DA TEORIA BAKHTINIANA^(*)

Nilsa Taumaturgo SÁ DE SOUZA (PPGEL/UFMT)

Simone de Jesus Padilha (PPGEL/UFMT)

RESUMO: A comunicação e a interação fazem parte das necessidades cotidianas do sujeito, pois ele consegue se relacionar e se adequar aos ambientes sociais nos quais esteja inserido por meio desse processo. Considerando que os sujeitos e as diferentes esferas de atividade humana têm possibilidades e habilidades linguísticas diversas, este trabalho tem como objetivo discorrer sobre a atuação do Tradutor-Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – (Libras) e Língua Portuguesa, profissional que atua como mediador no processo de comunicação e interação entre surdos e ouvintes. Para tal, será utilizado, como fundamentação teórica, o aparato conceitual bakhtiniano, buscando compreender o processo de produção de sentidos que emergem nesse trabalho com a linguagem. Não será abordado o trabalho desse profissional como um ato individual, mas sim como um processo de interação no qual esse sujeito está envolvido e em que é imprescindível o papel do *outro* nessa situação laboral, pois, para Bakhtin, “a individualidade do sujeito é constituída a partir do olhar do *outro*”. Dessa forma, como o trabalho desse profissional é/se dá inteiramente em função do olhar/ouvir o *outro*, a interação com o *outro* é constante e o tradutor está sempre na posição de *locutor*, de coautor, na seleção de critérios e cuidados com a elaboração (tradução) do discurso. Esse processo de assimilação e tradução constitutiva da língua se faz presente na construção e nos efeitos de acordos de sentido do *discurso*, na *compreensão ativa e responsiva*, como numa réplica, suscitando sempre uma posição do seu interlocutor (surdo/ouvinte), uma resposta. Esse processo de *interação* e mediação contínuo nos leva a refletir como se assimilam as palavras/sinais alheias, como são criadas, constitutivamente, as respostas contextuais e como as práticas sociais influenciam nossos modos de interação. Ao fim deste trabalho, espera-se fomentar estudos na área de tradução além do olhar técnico (léxico e vocabulário), mas integrando, também, um olhar dialógico e de alteridade. Esta pesquisa constitui parte de projeto de mestrado desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem da UFMT, bem como integra o conjunto de estudos do grupo de pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK).

PALAVRAS-CHAVE: Interação. Tradutor-Intérprete. Alteridade.

^(*) Trabalho oriundo de comunicação oral apresentada no I ENFOTILS/UFMT, 2017.



1. INTRODUÇÃO



Para Bakhtin, “a lógica da Língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis. *A realidade da língua constitui também sua evolução*”. (1992, p. 82). Então, a língua não é simplesmente uma reprodução de palavras, símbolos e códigos, pois os indivíduos socialmente organizados têm como produto de *interação* o ato da *enunciação*, considerando que, para haver interação, é necessário haver um *enunciado*, a língua é um aparato técnico utilizado no ato da *enunciação* e da *interação*. Logo, a língua está sempre em movimento, em transformação e renovação.

A língua oral auditiva não é a única forma de comunicação entre os sujeitos, porém, é a mais utilizada na sociedade, pois os indivíduos também se comunicam e interagem por meio de sinalizações, expressões, gestos e até mesmo por meio do silêncio. Os sujeitos surdos utilizam a Língua de Sinais (Língua viso-espacial) para se comunicar e interagir.

Compreendemos que as línguas de sinais possuem a mesma valoração que as línguas orais auditivas, considerando que as mesmas proporcionam ao sujeito surdo o direito de se comunicar e interagir socialmente. Porém, nem todos os usuários das línguas orais auditivas (ouvintes) sabem utilizar a Língua de Sinais. Então, há a necessidade de o profissional Tradutor-Intérprete atuar na mediação linguística entre as modalidades específicas das línguas envolvidas no processo.

O processo de tradução/interpretação não é algo recente, desde os primórdios das civilizações humanas até hoje os intérpretes têm a tarefa de dissipar obstáculos na comunicação. Esse profissional atua na transposição de uma língua para outra. No presente projeto, refiro-me ao profissional Tradutor-Intérprete de Libras/Português. Esse profissional, assim como os profissionais intérpretes das demais línguas, atua em áreas distintas, isto é, em várias esferas de atividade humana, promovendo a comunicação entre surdos e ouvintes. Esta profissão exige habilidade nas línguas verbalizadas e sinalizadas.



2. DESENVOLVIMENTO

ReFaMi

O profissional Tradutor-Intérprete de Libras/Língua Portuguesa está amparado pela Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010:

Art. 1º Esta Lei regulamenta o exercício da profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS.

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa.

Ao refletir a respeito do trabalho deste profissional, observam-se vários questionamentos referentes à diversidade de discursos que permeiam sua atuação, dada a necessidade de buscar estratégias que auxiliem os sujeitos envolvidos na construção de sentidos do que lhes é exposto. Esse trabalho exige habilidades nas línguas verbalizadas e sinalizadas, pois há ideias sociais que defendem que a tradução simultânea não é suficiente à compreensão do discurso pelo surdo, considerando que a tradução não será exatamente igual ao discurso original, já que o intérprete utiliza o planejamento linguístico para emitir o enunciado recebido pelo locutor. Quadros (2003, p. 79) explica: “Pensa-se no intérprete como um reproduzidor de textos - sinais, palavras, sentenças. Na verdade, sabemos que somente sinais, palavras e sentenças não são suficientes para que o surdo construa sua concepção referente ao discurso”.

Refletindo sobre a citação acima, verifica-se que o trabalho deste profissional não é simplesmente uma transposição linguística. Envolve enunciados diferentes, culturas, ideias, identidades e, logo, a relação entre o *eu* e o *outro*, isto é, entre os sujeitos discursivos.

O Tradutor-Intérprete da língua de sinais, no Brasil, Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) atua em constante interação comunicativa sociocultural com os sujeitos surdo/ouvinte. No processo de atuação profissional, o intérprete ouve/visualiza o enunciado, compreende, ressignifica, interpreta e transmite para o surdo/ouvinte, entretanto, o processo não é tão simples assim. Ele processa a informação dada na língua fonte e faz escolhas lexicais, estruturais, semânticas e pragmáticas para a língua alvo. Esse processo objetiva aproximar a compreensão dos sujeitos envolvidos, norteados as informações dadas pelo primeiro locutor.

Portanto, o ato da tradução leva o referido profissional à necessidade de habilidade nas duas línguas envolvidas, levando em consideração as normas gramaticais de cada língua e a esfera





social em que acontece o enunciado, considerando que não se deve traduzir uma conversa informal, um bate papo de corredor, uma conversa no bar, um culto/missa religioso, uma palestra formal da mesma maneira. Bakhtin (1992 pág. 94) explica que: “Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico”. Portanto um sinal/palavra não terá o mesmo significado em todas as situações. Tudo aí dependerá do contexto/esfera social.

Os exemplos a seguir apresentam situações em língua portuguesa em que o intérprete de Libras precisa tomar decisões lexicais e pragmáticas imediatas para não perder o contexto e para que, nessas situações, o surdo compreenda claramente o enunciado.

“Subirei até a montanha mais alta do mundo, só para te ver, e de lá gritarei seu nome para ver se me ouve, e se me ouvires, direi uma só frase: **Eu te amo**”. (Sílvio César Rabêlo Lopes). Texto retirado de <https://www.mundodasmensagens.com/mensagens-declaracao-amor/> acessado em 23 de março de 2017.

A frase Eu te amo, acima em negrito, terá significados muito diferenciados dependendo de para quem, onde e do momento em que é enunciada. Essa pequena frase tem o poder de transformar o significado de toda sentença. Ora, se uma mãe a recita para seu filho, logo nos remete a um entendimento de amor puro, amor incondicional, amor que se acredita ser diferente de todas as formas de amar. Porém, a mesma sentença recitada para um (a) namorado (a), torna-a romântica, nos remete a uma compreensão de amor carnal, paixão, de toque de pele. E, ainda se essa sentença for declamada para um (a) amigo (a), é claro, já transforma todo enunciado em um sentido de amizade sincera, companheirismo e amor entre amigos. Neste caso, o profissional recorrerá às expressões faciais e corporais, e fará suas devidas escolhas visando uma tradução coerente e fidedigna e sabendo que haverá aí uma produção de sentidos relevante à sua tradução.

Arelado a todo esse processo de enunciação, logo, interação, torna-se imprescindível o papel do *outro*, pois é o outro que vai responder ao profissional se seu trabalho foi eficiente. Considerando que, para Bakhtin, “o sujeito tem a compreensão de si, constituída por meio do olhar e da palavra do *outro*”, cada pessoa ocupa um determinado lugar espaço-temporal e, deste lugar único, é revelado o nosso modo de ver o *outro* e o mundo que nos envolve, ou seja, a *alteridade*. Assim, como o trabalho desse profissional é um constante processo de mediação e alteridade, ele está sempre na posição de locutor, na seleção de critérios e cuidados com a elaboração (interpretação-tradução) do discurso.

Esse processo de assimilação e tradução-interpretação constitutiva da língua faz-se presente na construção e nos efeitos de acordos de sentido do *discurso*, na *compreensão ativa e*





responsiva, como numa réplica, suscitando sempre uma posição do seu interlocutor (surdo/ouvinte), uma resposta. Esse processo de *interação* e mediação contínuo leva-nos a refletir como se assimilam as palavras/sinais alheia, como são criadas, constitutivamente, as respostas contextuais e como as práticas sociais influenciam nossos modos de interação. Considerando que, para Bakhtin, “Nossa fala, isto é, nossos enunciados estão repletos de palavras dos outros”, o tom valorativo é sem dúvida a essência da própria língua materializada no processo de interação. Assim sendo, esta valoração passa pelo crivo gramatical e semântico do profissional, entretanto, o código de ética do profissional Tradutor-Intérprete de Libras delibera:

Artigo 2 – O intérprete deve manter uma atitude imparcial durante o transcurso da interpretação, evitando interferências e opiniões próprias, a menos que seja requerido pelo grupo a fazê-lo;

Artigo 3 – O intérprete deve interpretar fielmente e com o melhor da sua habilidade, sempre transmitindo o pensamento, a intenção e o espírito do palestrante. Ele deve lembrar dos limites de sua função e não ir além de a responsabilidade;

Entende-se que o enunciado é único, ele jamais se repetirá, pois, no conjunto da obra, é impossível a mesma pessoa, no mesmo lugar, falando as mesmas palavras com e para o mesmo público em momentos diferentes, produzir o mesmo sentido e valoração, sabendo-se que não se repete um enunciado concreto; ademais, cada momento é único, a tensão é outra, o objetivo pode ser o mesmo, mas o enunciado é outro.

O enunciado não se encontra pronto e acabado [...]. Os sentidos e as particularidades vão sendo construídos ao longo do conjunto de obras, indissociavelmente implicados em outras noções também construídas (BRAIT, 2014, p. 65). Ao falarmos de interpretação simultânea, o momento é o mesmo, o lugar também é o mesmo, mas existe o mediador (intérprete) que, nesse processo de interpretação, faz suas escolhas e imprime nelas a sua marca.

No momento em que produzimos discursos, não somos a fonte deles, porém, intermediários, que dialogamos e polemizamos com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. A relação dialógica é polêmica, não há passividade. Nela, o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo de subversão dos sentidos. O sentido de um discurso jamais é o último: a interpretação é infinita. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação dentro de outros contextos. Bakhtin (2015, p. 294) explica:



“Em cada época, em cada círculo social, em cada micromundo familiar, de amigos e conhecidos, de colegas, em que o homem cresce e vive, sempre existem enunciados investidos de autoridades que dão o tom, como as obras de arte, ciência, jornalismo político, nas quais as pessoas se baseiam, as quais elas citam, imitam, seguem. Em cada época e em todos os campos da vida e da atividade, existem determinadas tradições, expressas e conservadas em vestes verbalizadas: em obras, enunciados, sentenças, etc”.

Portanto, é algo intrigante pensar na tradução fielmente. Não que o profissional irá inverter o enunciado, pois seu objetivo é transmitir da forma mais fiel possível o enunciado. Mas, para Bakhtin, o diálogo não se limita a uma simples troca de mensagem e significados. O discurso é sempre um diálogo com o outro e com o mundo. Há então, no diálogo, um constante exercício da alteridade. Estamos falando de um diálogo estabelecido entre sujeitos que utilizam duas línguas distintas cuja comunicação está sendo mediada por um terceiro sujeito, que não é passivo, mas determinante para o processo de compreensão e transmissão de ideias e pensamentos.

Uma enunciação, toda vez que for proferida, trará consigo sentidos diferentes, conseqüentemente, outro tema, já que este representa uma dependência da situação histórica na qual a enunciação é pronunciada, constituindo-se assim, na verdade do elemento. Assim, segundo Bakhtin (1997, p. 128), o “tema da enunciação é determinado não só pelas formas linguísticas que entram na composição (as palavras, as formas morfológicas ou sintáticas, os sons, as entoações), mas também por elementos não verbais da situação”. Nesse sentido, pode-se dizer que, se forem perdidos de vista os componentes elementares da situação, dificilmente se compreenderá a enunciação, pois terão sido perdidas as palavras que fazem parte do ponto mais importante para a compreensão. Em consonância, Quadros (2003, p. 80):

A fala é um processo dinâmico. E a percepção do intérprete como passiva e neutra é um grande problema. Este processo envolve questões éticas. É óbvio que o intérprete deve resolver impasses éticos (tomar decisões diante de dilemas éticos), mas naturalmente ele está envolvido no processo.

O intérprete não está envolvido no sentido de interferir na fala do locutor ou de mudar o sentido do discurso. Mas no sentido de fazer parte desse processo dialógico como mediador e por deixar sua marca ao emitir o enunciado para o surdo em uma língua distinta da língua fonte.

A perspectiva da interpretação é de uma atividade interativa dinâmica. As questões nesse sentido são: como todos os participantes estão elaborando o

sentido sobre o que estão falando? O que eles estão fazendo ao falar? Esta interação é uma atividade em que os participantes determinam a cada minuto o significado de alguma coisa que é dita. Essa atividade envolve um ato interpretativo baseado na experiência dos participantes em situações similares, bem como o conhecimento gramatical e lexical (QUADROS, 2003, p. 80).

Considerando a citação acima, uma interpretação não é uma atividade neutra, mecanizada; ou, onde estaria o sentido? O sentido produz-se onde há interação e, se o Tradutor-Intérprete está em constante interação com o seu receptor e com o locutor na função de mediador, ele se torna um locutor e também um agente nesse processo de interação e produção de sentidos, levando em conta que todos os envolvidos *refletem* e *refratam* os enunciados o tempo todo.

Vejamos um exemplo claro de situações que o profissional em questão vivencia no seu dia a dia: “*O povo do olho, me ensinou a olhar por outras janelas*” (Karnop). Para o profissional traduzir esse enunciado da língua portuguesa para a Libras, ele precisará fazer escolhas lexicais e tomar decisões imediatas considerando que o sujeito (interlocutor) precisa entender claramente o que foi enunciado, nesse momento acontecerá o processo de *alteridade*, pois ele vai pensar no seu interlocutor e procurar estratégias que lhe façam compreender o *enunciado*. Não será suficiente para o entendimento do surdo (nesse caso), o profissional traduzir palavra por palavra. Isso seria “jogar” sinais. Ele precisa pensar que se trata de duas línguas distintas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O profissional Tradutor-Intérprete de Libras/Português, ao mediar um processo de *interação*, deve ter consciência da responsabilidade que lhe é atribuída no que diz respeito à veracidade e fidelidade do discurso. Deve ter postura profissional, comportamento ético, conhecimento das duas línguas envolvidas e ter a compreensão de que também está envolvido nesse processo, considerando que, ao assumir o papel de mediador, também se torna um locutor.

Cada profissional carrega suas especificidades e individualidades, porém, se o ser se constitui a partir do *outro*, deve levar em consideração que o seu trabalho só será executado a partir da interação com o outro. A alteridade e produção de sentidos que emergem do trabalho deste profissional são de suma importância. Não seria possível sua atuação profissional sem a consciência de se “colocar” no lugar do outro, ou seja, de entender e ser entendido pelo outro,





considerando que a interação não se consolida simplesmente no processo da fala, mas também no processo da escuta. Se um locutor organiza seu discurso e ao se pronunciar sente que não está sendo escutado, ele se sente desmotivado e seu discurso certamente será prejudicado, pois a resposta norteia o locutor e o avisa se seu discurso está sendo aceito, compreendido, importante, interessante, ou não.

ECHEVERRIA diz: "Para escutar, dizemos não basta ouvir, é necessário interpretar o que o outro diz. Caso não haja interpretação não há escuta. A interpretação é o coração da comunicação". No caso do sujeito surdo, não basta ver a sinalização, é importante a compreensão do enunciado.

Escutar vai além de olhar e ouvir. Requer atenção, compreensão e interpretação. Quando se interpreta um enunciado, podemos dizer que há a produção de sentidos. E essa produção de sentidos, segundo Bakhtin, só é possível se houver interação, logo, para que haja interação é necessária a compreensão do enunciado.

[...] É na relação com a alteridade que os indivíduos se constituem. O ser se reflete no outro, refrata-se. A partir do momento em que o indivíduo se constitui, ele também se altera, constantemente. E este processo (...) é algo que se consolida socialmente, através das interações, das palavras, dos signos. (...) Em "estética da criação verbal", Bakhtin afirma que "é impossível alguém defender sua posição sem correlacioná-la a outras posições", o que nos faz refletir sobre o processo de construção da identidade do sujeito, cujos pensamentos, opiniões, visões de mundo, consciência etc. se constituem e se elaboram a partir de relações dialógicas e valorativas com outros sujeitos, opiniões, dizeres. A Alteridade é fundamento da identidade. Eu apenas existo a partir do Outro. (UFSCAR: 2009. p. 13-14).

Portanto, o trabalho desse profissional não se dá de forma isolada, considerando apenas um dos envolvidos no discurso, mas todos fazem parte desse processo de interação e produção de sentidos. Conhecimentos lexicais, gramaticais, semânticos e pragmáticos são importantes e fazem parte do seu trabalho. Porém, não são suficientes para que haja um processo de tradução- interpretação eficiente.



REFERÊNCIAS

ReFaMi



AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro**. Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa, 2001.

BAKHTIN, M. O autor e a personagem na atividade estética. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRAIT, B. **Bakhtin conceitos chaves**. Ed. Contexto. 2014.

BRAIT, B. **Bakhtin outros conceitos chaves**. Ed. Contexto. 2012.

BRASIL. **Decreto n. 5.626**, de 22 de Dezembro de 2005. Disponível em www.planalto.gov.br. Acessado em 13 de set. 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.436**, de 24 de Abril de 2002. Disponível em www.planalto.gov.br. Acessado em 13 de set. 2016.

ECHEVERRIA, R. **Ontologia da linguagem**. Texto A Escuta. Dolmen, 1998.

GEGe. **Palavras e contrapalavras**: glossariando conceitos, categorias e noções de Bakhtin. São Carlos: Pedro & João Editores, 2009.

Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Federal nº 9.394**, de 20 de Dezembro de 1996, art.24 do decreto nº 3.298/99 e a Lei nº 7.853/89. Disponível em: Acessado em 16 de set. 2016.

QUADROS, R. M. de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. Secretaria de Educação Especial; 2.ed. Brasília: MEC; SEESP, 2007. Disponível em <https://www.mundodasmensagens.com/mensagens-declaracao-amor/> acessado em 09 de mar. 2017.

Sobre as autoras

NILSA TAUMATURGO SÁ DE SOUZA

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, na linha de pesquisa Paradigmas no ensino de línguas, da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT). Tradutora-intérprete de Libras-Português da UMFT, campus Cuiabá. nilsa.sa@hotmail.com

SIMONE DE JESUS PADILHA

Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal de Mato Grosso e do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens, na linha de pesquisa Paradigmas no ensino de línguas. Coordenadora do Grupo de Pesquisa Relendo Bakhtin (REBAK). Orientadora desta pesquisa. simonejp1@gmail.com

60

Página

